

1 Introdução

A pesquisa torna-se investigação e conversação, ou seja, diálogo. Nós não encaminhamos perguntas à natureza e ela nos responde. Nós questionamos a nós mesmos e organizamos a observação ou experimento de modo a nos dar uma resposta. (Bakhtin; 1986: 78)

Esta dissertação caracteriza-se por ser um exercício de reflexão, objetivando entendimentos mais profundos sobre o processo de construção do plano de aula. É fruto de um trabalho realizado em minha própria turma de Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa no contexto de uma Instituição de Ensino Superior (daqui por diante IES) localizada em Macaé, inicialmente sem pretensões ou objetivos acadêmicos, fato ao qual me aterei mais tarde durante a descrição de como foram obtidos os dados para a pesquisa.

A partir de uma inquietação quanto ao modo como meus alunos, professores-aprendizes do 4º e 5º períodos do curso de Letras (Português/Inglês), entendiam o ato de planejar, iniciamos um trabalho conjunto em busca de entendimentos sobre a construção e/ou elaboração e função do plano de aula. A proposta principal desta pesquisa é relatar o processo conjunto de construção de planos de aula, passando pela discussão de aspectos que considero relevantes sobre a formação inicial de docentes, sobre o Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa, bem como de aspectos relacionados diretamente às crenças que os professores-aprendizes já possuíam sobre planejamento. Todo esse relato será realizado seguindo o viés da Prática Exploratória, objetivando apresentar justificativas e entendimentos quanto ao caminho escolhido e percorrido para a obtenção de tal intento.

Enquanto professora-formadora, acredito que o aluno só possa produzir entendimentos sólidos sobre um determinado assunto, uma vez que se sinta totalmente envolvido com ele. Para tal, durante o processo de construção de planos de aula procurei envolver todos os professores-aprendizes, pois acreditava que esta seria a melhor maneira de instigá-los a pensar sobre o tema, de provocar questões e idéias conflitantes, enfim, visava um melhor entendimento por parte

deles do que consistia essa ferramenta de trabalho, bem como seu processo de construção. Quanto mais nos encontrávamos, líamos e debatíamos sobre planejamento, mais intensas ficavam as discussões ao ponto de transformá-las em um projeto de pesquisa para o curso de mestrado.

Minhas intenções, a princípio, eram:

- a) reforçar o argumento de que o plano de aula ainda é uma ferramenta pedagógica útil e norteadora do processo ensino-aprendizagem, mesmo que num plano mental, sem a necessidade de construção efetiva de um documento;
- b) identificar, discutir e interpretar crenças e aglomerados de crenças que os professores-aprendizes e eu, enquanto professora-formadora, trazíamos para a sala de Estágio Supervisionado sobre o plano de aula;
- c) tentar classificar se as crenças de meus professores-aprendizes se apresentavam a nível individual ou se já eram compartilhadas no âmbito de todo o grupo; e
- d) motivar os professores-aprendizes à pesquisa bem como a teorizarem sobre o processo de construção do plano de aula, buscando identificar e entender suas visões sobre a importância do ato de planejar.

Isto posto, proponho, neste capítulo, tratar de algumas questões que povoaram meus pensamentos durante todo o planejamento de minhas aulas para o Estágio Curricular Supervisionado e que, com certeza, direcionaram meu trabalho dissertativo, gerando entendimentos mais sólidos sobre como eu, enquanto pesquisadora e professora-formadora, e meus professores-aprendizes víamos o ato de planejar.

Preciso deixar claro, entretanto, que não discuto ostensivamente todas essas questões neste primeiro capítulo de meu trabalho. Opto por retomá-las, toda vez que se fizer necessário, para justificar, fundamentar ou situar minha pesquisa em um determinado contexto.

1.1 O interesse na formação inicial de professores

No cenário em que vivemos hoje, faz-se necessária a preocupação com a formação do professor de língua inglesa uma vez que este profissional, além de ter a responsabilidade de ensinar uma Língua Estrangeira (LE daqui por diante) e sua cultura, enquanto diversidade como cita os PCN, também é chamado a atuar e dar conta de um trabalho voltado para a formação de cidadãos conscientes, críticos e autônomos, promovendo, através do que ensina, a ética e o pensamento crítico. Os professores do futuro, acima de tudo, serão chamados a oferecer uma formação mais humanizada, que estimule a construção gradativa de atitudes e habilidades que influenciarão na construção de um ser completo que agirá em busca de uma sociedade na qual predomine a solidariedade e o respeito entre as pessoas.

Hoje, a escola cada vez mais tenta organizar-se a partir de seu corpo social, para atender ao estudante em sua individualidade, procurando entender que cada um utiliza o conhecimento de forma diferente e por essa razão, é necessário e desejável que enquanto aprendiz e em suas possibilidades específicas de indivíduo receba orientações possíveis para sua melhor compreensão de mundo e, ao mesmo tempo, de ser social com uma capacidade de pensar e agir coletivamente na sociedade, embora carregue consigo interesses e habilidades particulares. (Rivero, 2004: 88)

Por outro lado, ao mesmo tempo em que se busca oferecer uma formação mais humanizada, é importante formar futuros docentes que se vejam inseridos em um mundo contemporâneo contraditório a essa formação, um mundo que privilegia a busca frenética por conhecimento e por eficiência: palavras-chave para o sucesso. Tal profissional precisa, durante sua formação inicial, ver-se incentivado a pensar sobre o que seus alunos querem ou precisam aprender, o que planeja para as suas aulas, o que pretende ensinar, e como vai ensinar. Ele também precisa ser estimulado a compreender que é necessário trabalhar de forma inter e transdisciplinar, rompendo a estrutura de cada disciplina e construindo uma realidade de investigação nova e comum a todas elas, sem individualizá-las ou fragmentá-las (cf. Almeida Vianna, 2004: 47). Mas para que esses entendimentos e futuros posicionamentos ocorram é necessário que o professor-aprendiz esteja preparado para fazer sentido da teoria em conjunto com suas experiências práticas, adaptar novas metodologias ao seu cotidiano para que estas propiciem

uma melhor troca de conhecimentos em sala. É como reconfigurar velhos hábitos em novas e diferentes práticas. Segundo Magalhães (1997: 2-3),

...o perfil do professor de línguas, quer na escola pública como em escolas de ensino de línguas, vem sendo o de um profissional aplicador de técnicas e receitas cuja ação está embasada no livro didático e em receitas recomendadas por pesquisas, que tinham por objetivo relacionar o processo do professor e o produto do aluno.

...essa dificuldade em relacionar os conteúdos teóricos - saber que - e conhecimento prático - saber na ação, saber como agir, deve-se segundo formadores e professores, a um modelo hierárquico de formação com ênfase na transmissão de conhecimento, em que a teoria e a prática do professor são dissociadas. Isto é, primeiro o professor “aprende” o conteúdo e depois deve usá-lo, aplica-lo em sua sala. O professor é um aplicador de técnicas.

Os cursos de formação inicial de docentes precisam oferecer a oportunidade aos professores-aprendizes de se libertarem da fragmentação e da inadequação de sua própria prática, levando-os a entender que os conteúdos que querem/desejam ensinar aos seus futuros alunos não acontecem isolados, somente no contexto da sala de aula. Tudo precisa fazer o mínimo de sentido para o aluno para que possa ser aprendido. E essa aprendizagem será ainda melhor e significativa se os alunos do futuro aprenderem desde cedo a hipotetizar, teorizar, buscar soluções para problemas cotidianos e refletir sobre seu próprio processo de aprendizagem.

Ser docente de língua inglesa e de Estágio Curricular Supervisionado em uma IES leva-me a refletir sobre todos esses pontos mencionados anteriormente e remete a outros que considero fundamentais para uma formação inicial mais holística: questões relacionadas ao sistema de crenças que professores-aprendizes já trazem desenvolvidos para a sala de aula; o contexto de atuação futura do profissional que, inevitavelmente, estarei formando; questões subjacentes às várias metodologias utilizadas para o ensino de língua inglesa; o papel social desta língua no nosso país e a função do Estágio Curricular Supervisionado na construção de um profissional mais consciente de seu papel enquanto futuro formador.

Para tal, entendo que seja extremamente importante, enquanto professora-formadora e enquanto professora regente nas séries que muitos de meus professores-aprendizes irão atuar, compartilhar minhas experiências, reflexões e entendimentos sobre o que é o contexto escolar, não só nas aulas de língua inglesa

como também nas aulas de Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa. Foi seguindo essa linha de raciocínio, que desenvolvi essa pesquisa.

1.2 Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa: entendimentos iniciais

O Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa a meu ver se caracteriza num momento impulsionador de discussões, reflexões e entendimentos sobre o processo de elaboração de uma prática docente que veja a língua inglesa não como reforçadora da identidade e cultura de um povo estrangeiro, dito e considerado por muitos profissionais de ensino de LE como dominador, mas como uma ferramenta de ação social que integre idéias e valores das culturas estrangeiras, visando valorizar e reforçar ainda mais a identidade e cultura brasileira.

A aprendizagem das Línguas Estrangeiras aqui necessita passar por uma consciência étnica e cultural que reforça a própria identidade brasileira antes de avançar rumo à integração aos ideais e valores das culturas estrangeiras e, principalmente, das dominantes. (Almeida Filho, 2007: 39)

Visto por outro prisma, esta disciplina também precisa focar discussões acerca dos vários problemas que o professor de língua inglesa enfrenta, ou seja, questões técnico-metodológicas, bem como um profissionalismo que permitiria e admitiria o aprofundamento da formação de base. O que se oferece no Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa aos professores-aprendizes precisa abarcar uma formação para a atualidade.

1.3 Por que o foco no planejamento?

Planejar é um processo, acima de tudo, educativo, principalmente se entendido enquanto uma prática que requer a participação ativa de todos os envolvidos, professores e aprendizes, visando escolhas, metodológicas ou não,

que proporcionarão um ensino voltado para a conscientização e pautado em entendimentos construídos conjuntamente.

O planejamento visa sempre tornar a ação clara e precisa, ou seja, a elaboração de um plano de aula, a meu ver, é uma maneira de organizar o que faremos, sintonizar idéias e recursos para tornar mais eficiente nossa ação. Planejar enquanto elaboração é decidir o que se quer ensinar, verificar a que distância se está de alcançar as metas estabelecidas, pensar em ações que contribuirão para se alcançar ou chegar o mais próximo possível do que foi planejado.

Planejar subentende também dois outros aspectos: a execução e a avaliação. O primeiro se caracterizaria em agir em conformidade com o que foi proposto no plano, sabendo-se que muitas vezes o rumo de uma aula muda dependendo do contexto da situação; assunto/tema da aula, conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto/tema, participação dos mesmos nas atividades, interação alunos-professor. O segundo aspecto, a avaliação, precisa ser entendido como algo que permeia todo o planejamento, é a revisão constante de cada um dos momentos da aula, cada ação e reação, tanto do professor como dos alunos.

É no Estágio Curricular Supervisionado que os professores-aprendizes são chamados a planejar aulas, a fazer ponte entre toda a teoria vista durante o curso de formação inicial de professores e a prática, que neste momento, se apresenta a eles como um momento real, palpável. O foco de minha pesquisa recai no planejamento porque entendo que é a partir dele que toda a prática pedagógica se configura e se reconfigura, que se pode avaliar o que se planeja e o que realmente se realiza na prática em seus contextos de atuação. No capítulo 2, detalho diversas conceituações teóricas sobre o ato de planejar.

1.4 Por que tentar interpretar o discurso dos professores-aprendizes tendo como base o estudo de crenças?

Entendo o plano de aula como uma ferramenta altamente influenciada por vários fatores que vão desde as características pessoais dos professores até seu sistema de crenças, construído a partir de seus contatos com os diversos tipos de

docentes e pares e as mais diversas situações e experiências vivenciadas ao longo de todo o seu processo de ensino aprendizagem. Toda a bagagem que os professores-aprendizes trazem para o curso de formação de professores é utilizada, de uma maneira ou de outra, na construção de entendimentos sobre o ato de planejar e na elaboração e preparação de aulas.

Acreditando nisso, pareceu válido tentar descobrir até que ponto quais crenças individuais ou sistemas de crenças de meus professores-aprendizes influenciavam as práticas pedagógicas desses futuros docentes. Pensava que, se tentasse entender ou compreender que crenças embasavam determinadas atitudes e discursos, conseguiria, enquanto professora-formadora, justificar porque os professores-aprendizes e eu agíamos de determinadas maneiras em relação ao plano de aula.

O desvelamento das crenças de professores e alunos permite uma melhor adequação de objetivos, conteúdos e procedimentos e, conseqüentemente, chances de maior eficácia do processo de ensino e aprendizagem. (Abrahão & Barcelos, 2006: 9)

Finalmente, acredito que vale à pena tentar entender o papel que as crenças exercem ao propor uma formação mais reflexiva no processo de tomada de decisões, tanto do professor-formador de Estágio Curricular Supervisionado quanto dos professores-aprendizes.

1.5 Apresentação de minha pesquisa

Para que essa dissertação pudesse dar conta de apresentar todo o processo construído e desenvolvido com meus professores-aprendizes decidi dividi-la em mais quatro capítulos. No Capítulo 2, construo o arcabouço que oferece suporte teórico-metodológico a esta investigação, situando-a na área de pesquisa em sala de aula de língua inglesa em contexto de formação de professores. Apresento as concepções teóricas que utilizo para justificar os procedimentos adotados na busca por entendimentos e na análise dos dados obtidos durante o período em que realizei o trabalho com os professores-aprendizes em questão. Esta investigação se caracteriza por ser de caráter qualitativa-exploratório-interpretativista, centrada na

reflexão a partir da prática na sala de aula de Estágio Curricular Supervisionado. Para tanto, todo o seu planejamento e execução foram realizados à luz dos princípios da Prática Exploratória (PE daqui por diante), objetivando a validade através da priorização de entendimentos sobre o processo de elaboração do plano de aula visto como auxiliar na prática docente, da integração da pesquisa com a pedagogia e da participação de todos os envolvidos no contexto da pesquisa.

No Capítulo 3, apresento a questão da finalidade, levanto questões quanto à construção e coleta dos dados e descrevo o contexto da situação estudada, bem como minhas decisões metodológicas. Incluo neste capítulo as informações que considerei importantes para um melhor entendimento do trabalho: perfil dos professores-aprendizes e da instituição de ensino, ementa, programa de curso e conteúdo programático, material didático, e descrições sobre a atmosfera na sala de aula de Estágio Curricular Supervisionado. Apresento como construí os dados e os registrei. Por último, na parte de idealização do planejamento investigativo, apresento as linhas mestras de condução do trabalho que foi desenvolvido em busca de entendimentos sobre o que é o período de Estágio Curricular Supervisionado, traçando um paralelo com o processo de construção do plano de aula.

Utilizo-me do Capítulo 4 para apresentar os dados obtidos e registrados por meio de duas das atividades pedagógicas com potencial exploratório (APPE): transparências escritas pelos professores-aprendizes após discussão sobre as características do professor do novo século, dinâmica ‘É fácil? É difícil? Por quê?’ e um relatório desenvolvido pelos professores-aprendizes no fim do curso, narrando ou descrevendo como foi o processo de construção do plano de aula: suas expectativas, seus medos, anseios e entendimentos. Aproveito também para falar sobre meus próprios entendimentos acerca dos dados obtidos.

Finalmente, o Capítulo 5 apresenta as Considerações Finais, ou seja, outros entendimentos alcançados após a análise dos dados e a partir de minha reflexão sobre o Capítulo 4. O Capítulo 5 também avalia todo o trabalho à luz da P.E.

Para efeito deste trabalho, é necessário dizer que todas as traduções de textos originalmente escritos em inglês ou em espanhol que aparecem em toda a dissertação são de minha autoria e inteira responsabilidade.